FRONTEIRAS
REVISTA DE TEOLOGIA DA UNICAP

Fratelli, ma non tutti: neorreacionarismo católico e violência intrarreligiosa em ambientes digitais

Fratelli, ma non tutti: Catholic neoreactionism and intrareligious violence in digital environments

Moisés Sbardelotto
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil

Resumo

Ao longo da história, a relação entre religião e violência não constitui uma anomalia, mas sim um traço recorrente das formas pelas quais o sagrado é mobilizado. Na contemporaneidade, essas dinâmicas reconfiguram-se profundamente no interior de uma ecologia comunicacional marcada pelo processo de midiatização, em que a ampliação das possibilidades de expressão e conexão proporcionada pelas plataformas digitais convive com a intensificação de práticas de hostilização e silenciamento, frequentemente legitimadas por discursos religiosos. A partir desse contexto, este artigo problematiza a violência religiosa simbólico-verbal em ambientes digitais, especificamente no interior do catolicismo brasileiro, no qual emerge uma tensão fundamental: a violência discursiva entra em contradição com os princípios que sustentam a própria identidade desses sujeitos e comunidades. Para isso, percorreremos quatro movimentos articulados: 1) refletiremos sobre a relação histórica entre violência religiosa e processos midiáticos; 2) aprofundaremos a noção de violência simbólico-verbal e sua especificidade no contexto das redes digitais; 3) examinaremos a intensificação dessas dinâmicas nos ambientes digitais, refletindo sobre a cultura do cancelamento, os *haters*, o discurso de ódio e o "efeito-enxame"; e 4) analisaremos a violência intracatólica e o paradoxo teológico-comunicacional que decorre de fenômenos como as "cibermilícias católicas", o "neorreacionarismo católico" e a prática da excomunicação. Em conclusão, defende-se, com base no magistério eclesial recente, que somente uma comunicação universal fundada no amor fraterno e no diálogo social é capaz de gerar uma cultura de paz "desarmada e desarmante".

Palavras-chave

Violência religiosa.
Ambientes digitais.
Neorreacionarismo católico.
Excomunicação.
Fraternidade universal.

https://doi.org/10.25247/2595-3788.2026.v9n1.p42-62 | ISSN 2595-3788
Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Abstract

Throughout history, the relationship between religion and violence has not been an anomaly, but rather a recurring feature of the ways in which the sacred is mobilized. In contemporary society, these dynamics are profoundly reconfigured within a communicational ecology shaped by the process of mediatization, in which the expansion of possibilities for expression and connection enabled by digital platforms coexists with the intensification of practices of hostility and silencing, often legitimized by religious discourses. In this context, this article problematizes symbolic-verbal religious violence in digital environments, specifically within Brazilian Catholicism, where a fundamental tension emerges: discursive violence contradicts the very principles that sustain the identity of these subjects and communities. To this end, the article unfolds in four interrelated movements: (1) it reflects on the historical relationship between religious violence and media processes; (2) it deepens the notion of symbolic-verbal violence and its specificity in the context of digital networks; (3) it examines the intensification of these dynamics in digital environments, considering the culture of cancellation, haters, hate speech, and the "swarm effect"; and (4) it analyzes intra-Catholic violence and the theological-communicational paradox arising from phenomena such as "Catholic cyber-militias," "Catholic neoreactionism," and the practice of excommunication. In conclusion, drawing on recent ecclesial teaching, the article argues that only a universal communication grounded in fraternal love and social dialogue can generate a "disarmed and disarming" culture of peace.

Keywords

Religious violence.
Digital environments.
Catholic neo-reactionism.
Excommunication.
Universal fraternity.

Introdução

Ao longo da história, a relação entre religião e violência não constitui uma anomalia, mas sim um traço recorrente das formas pelas quais o sagrado é mobilizado. Se, em diferentes contextos, a fé serviu como fundamento simbólico para práticas de exclusão e eliminação do outro, dos diferentes e das diferenças, na contemporaneidade essas dinâmicas reconfiguram-se no interior de uma ecologia comunicacional marcada pelo processo de midiatização. A ampliação das possibilidades de expressão e conexão proporcionada pelas plataformas digitais convive com a intensificação de práticas de hostilização e silenciamento, frequentemente legitimadas por discursos religiosos.

A partir desse contexto, este artigo problematiza a violência religiosa simbólico-verbal em ambientes digitais, especificamente no contexto católico. Quando tais práticas se desenvolvem no interior de uma comunidade religiosa que se pretende fundada no amor fraterno, emerge uma tensão fundamental. A violência discursiva entra em contradição com os princípios que sustentam a própria identidade dessas comunidades. "Interações hostis, bem como palavras violentas e ofensivas, especialmente no contexto da partilha de um conteúdo cristão, gritam da tela e representam uma contradição do próprio Evangelho" (Dicastério, 2023, n. 50).

Desse modo, o fenômeno deve ser examinado como um problema sociocomunicacional e como um paradoxo teológico. Embora o amor fraterno tenha uma dimensão universal e de abertura a todas as pessoas (cf. FT, n. 6), certos indivíduos e grupos católicos o reinterpretam como pertença seletiva, exclusivista, sectária: somos irmãos, sim, *mas nem todos*...

Para isso, primeiramente, ponderamos sobre a relação histórica entre violência religiosa e processos midiáticos. Em seguida, exploramos a noção de violência simbólico-verbal, destacando o papel da linguagem na agressão a outrem. Examinamos ainda a intensificação dessas dinâmicas nos ambientes digitais, refletindo sobre a cultura do cancelamento, os *haters* ("odiadores" digitais), o discurso de ódio e o "efeito-enxame". A partir disso, analisamos a violência intracatólica e o paradoxo teológico-comunicacional que decorre de fenômenos como as *cibermilícias católicas*, o *neorreacionarismo católico* e a prática da *excomunicação*, que instauram uma tensão entre a comunicação efetivamente praticada e o horizonte evangélico do amor fraterno.

Pretendemos, assim, contribuir para a compreensão das formas atuais de violência religiosa e para a problematização crítica das práticas comunicacionais que as sustentam. Em conclusão, defendemos, com base no magistério dos papas Francisco e Leão XIV, que somente uma comunicação universal fundada no amor fraterno e no diálogo social é capaz de gerar uma cultura de paz "desarmada e desarmante".

Violência religiosa e processos midiáticos

Abordar a religião implica, inevitavelmente, reconhecer sua imbricação com formas de violência. Em distintos contextos culturais e temporais, a invocação do sagrado serviu para justificar perseguições, acusações e execuções. Ao longo da história, não faltaram exemplos de práticas violentas legitimadas pela fé. A religião, nesse sentido, não é apenas vítima da violência, mas também pode ser, e tem sido, sua produtora e legitimadora (Ricoeur, 2000; Bingemer, 2001; Rodrigues, 2013; Rodrigues, 2021).

A relação entre religião e violência, contudo, é complexa. De modo geral, essa complexidade pode ser entendida a partir da busca de onipotência e autotranscendência.

> A violência religiosa que aniquila o outro por suas verdades esbarra na luta pelo poder sobre as pessoas e as coisas. Quanto mais poder, maior a sensação de imortalidade e perenidade na terra. A cultura da violência religiosa tem seus atributos na construção de um poder que eterniza seus seguidores, mesmo pela sua autodestruição. "[...] O poder pode aparecer como bênção de imortalidade: na embriaguez do poder aninha-se a ilusão de matar a morte. Aqui, essencialmente, radica o vínculo fundamental entre religião, poder e, consequentemente, violência. Observa-se, de fato, na história das religiões, uma luta permanente no sentido de saber qual delas tem o Deus mais poderoso" [...]. Assim o fundamentalismo religioso consegue justificar suas ações mais agressivas pela universalidade da busca do eterno (Neves, 2016, p. 69).

Se, em chave histórica, a violência religiosa se enraíza em disputas por poder e eternização, é preciso reconhecer que tais dinâmicas não permanecem restritas ao passado nem circunscritas a formas tradicionais de organização religiosa. Ao contrário, elas se reatualizam e ganham novas configurações conforme se transformam os modos de presença pública das religiões. As lógicas de enfrentamento do "outro" passam a operar também em ambientes marcados por maior interação social, como os processos midiáticos contemporâneos, nos quais a circulação simbólica se intensifica e se complexifica.

Em um período histórico em que os processos de comunicação midiática se tornam generalizados no tecido social – caracterizando um fenômeno de midiatização das sociedades contemporâneas –, a internet vai se constituindo não apenas como um meio de interação social, mas também de prática religiosa. "Nas interações sociais que emergem dos usos e apropriações digitais, as práticas religiosas trazem consigo lógicas e dinâmicas midiáticas. No caldo cultural contemporâneo, portanto, a religião embebe e é embebida por processos midiáticos" (Sbardelotto, 2017, p. 32-33). Ainda segundo o autor, "a midiatização, em suma, catalisa a publicização da religião, que não pode mais ser entendida apenas como instituição ou doutrina fixada; ela também tem a ver com práticas e experiências 'encarnadas' socialmente por pessoas, coletivos e instituições em ambientes públicos" (Sbardelotto, 2017, p. 100).

Principalmente na passagem entre os séculos XX e XXI, ocorre um processo de desprivatização das religiões, que intensifica a visibilidade da pluralidade religiosa. "Tal contexto favorece tanto a emergência de novas formas de comunicação e diálogo inter-religioso quanto o surgimento de manifestações de intolerância e violência motivadas por diferenças religiosas" (Cunha, 2025, p. 2).

Por um lado, em relação aos meios de comunicação tradicionais, a violência e a intolerância religiosas no Brasil não apenas se revelam no discurso das mídias, mas também são por ele promovidas.

> A forma como os grupos religiosos e as diferentes religiosidades são representados – ou sub-representados – no jornalismo, na publicidade e nas produções de entretenimento demonstra que a pluralidade religiosa, mesmo no interior do cristianismo hegemônico no país, é um fator que parece ser ignorado ou mesmo negado pelas mídias no Brasil. [...] Há muita ignorância embalada por um imaginário da religião dominante, que acaba por promover violência religiosa nos espaços midiáticos (Cunha, 2025, p. 6-7).

Entretanto, ao analisar os dados relativos à imprensa escrita divulgados no *Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (2011-2015)*, Cunha (2020) aponta que o tema da violência religiosa ainda é matéria incipiente no jornalismo. Como a própria religião tem sido um assunto

desfavorecido nas mídias noticiosas brasileiras por não ser considerado importante, a intolerância religiosa também se torna irrelevante. Embora a violência em geral seja uma temática com alto "valor-notícia" para o jornalismo, "o elemento relevante da cobertura jornalística não é a motivação religiosa relacionada aos casos, mas a violência em si" (Cunha, 2020, p. 7).

Com isso, o valor-notícia em torno da violência em si ofusca a relação entre intolerância e violência religiosas. A dimensão discursiva do tratamento do jornalismo brasileiro às religiões revela-se intolerante também em seus silêncios e não ditos, minimizando o problema e caracterizando-o como mero preconceito. Assim, a intolerância religiosa deixa de ser reconhecida como um fenômeno em si mesmo, e o ato intolerante perde sua densidade própria, reduzido a recurso retórico. Como consequência, enfraquece-se também o seu reconhecimento como forma de violência que demanda problematização e denúncia por parte da imprensa. "A violência religiosa no Brasil se revela também no discurso das mídias. Essas abordagens terminam por servir à promoção de intolerância e ao acirramento das disputas entre grupos religiosos" (Cunha, 2020, p. 10).

Por outro lado, em relação à atuação das próprias instituições religiosas, Cunha (2020) destaca a articulação de alguns fenômenos inter-relacionados, como a ampliação da presença das igrejas nas mídias tradicionais, sua intensa ocupação nas mídias digitais e a consequente propagação de desinformação em ambientes religiosos. Em nome do direito à liberdade de informação e de expressão, "pratica-se e estimula-se abertamente a intolerância e o ódio [...] no que diz respeito à liberdade de crença no Brasil" (p. 11). Aprofundando esse aspecto, Teles dos Santos Silva e Neves Silva (2023, p. 5) afirmam que

> o fenômeno do racismo religioso na sociedade brasileira tem se intensificado ao longo do tempo, alcançando proporções ainda maiores na contemporaneidade, impulsionado pelo rápido acesso às redes sociais e aos meios de comunicação, que se tornaram os principais veículos de disseminação do ódio e de formas de violência direcionadas [...] às expressões de fé populares.

Diante desse quadro, evidencia-se que a intensificação da violência religiosa hoje está intimamente ligada aos processos midiáticos, seja do ponto de vista das instituições midiáticas e do jornalismo em geral, seja das próprias instituições religiosas. Se as mídias ampliam a visibilidade e a circulação de discursos violentos em geral, elas também configuram os modos pelos quais tais agressões são praticadas e normalizadas socialmente. Assim, para compreender essas dinâmicas, é preciso, contudo, deslocar o olhar para as formas específicas que a violência assume no âmbito verbal e simbólico.

Violência simbólico-verbal

Nem toda violência deixa marcas visíveis no corpo, e as que não deixam são, muitas vezes, as mais difíceis de nomear e de combater. A origem etimológica da palavra está ligada à força (*vis*, *vires*) física ou ao poder abusivo exercidos contra alguém, assim como à intensidade de uma ação ("morte violenta"). Charaudeau (2019) diferencia entre violência *física* e *verbal*. A primeira envolve gestos e comportamentos que, pelo emprego da força, causam dano ao corpo de quem a sofre. A vítima não precisa interpretar o ato em questão nem opinar sobre seu resultado. Pelo próprio dano sofrido no corpo (ferimento ou morte), a pessoa já se torna vítima.

A violência verbal, por sua vez, decorre de um "ato de linguagem que se manifesta pelo emprego de certas palavras, estruturas ou expressões capazes de ferir psicologicamente uma pessoa, presente ou ausente" (Charaudeau, 2019, p. 446). Mas, assim como para qualquer outro ato de linguagem, o sentido da agressão verbal e seu impacto dependem da interpretação da pessoa receptora. O autor explica que, diferentemente da violência física que constitui a vítima na própria instância do ato, a violência verbal demanda, para sua qualificação, a reação de alguém que sentirá e julgará o ato de linguagem como ofensivo. Estabelece-se, portanto, uma relação de alteridade entre um *Eu-agressor* e um *Tu-alvo*.

A violência verbal, como marca de poder sobre o outro, faz parte de um processo de *violência simbólica*, entendida como aquela coerção que só se institui por meio de um processo de dominação (Bourdieu, 2003). Desse modo,

o ato de agressão verbal institui uma relação de superioridade de seu *autor-dominante* em relação ao *outro-dominado*, que é convocado a uma posição de cumplicidade ou de submissão a tal violência. Trata-se de uma "violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento" (Bourdieu, 2003, p. 7-8).

O discurso de ódio (*hate speech*), tão disseminado nas redes digitais, é uma das expressões de violência simbólico-verbal. Tais atos comunicacionais são motivados por preconceito ou intolerância e visam a incitar a hostilização ou até a eliminação de outrem com base em suas características identitárias ou coletivas (De Andrade, 2023). Como especifica Sponholz (2020, p. 225), os discursos de ódio se baseiam em antinomias, e não em antagonismos: "Em uma antinomia, os polos são determinados por definição, e não por posição. Assim, as pessoas são atingidas pelo que são, e não pelo que pensam".

Segundo Butler, quem enuncia o discurso de ódio reforça esse tipo de discurso, restabelecendo contextos de ódio. "O discurso de ódio não apenas comunica uma ideia ou um conjunto de ideias ofensivas, mas também coloca em ação a própria mensagem que ele comunica: a comunicação é, em si mesma, uma forma de conduta" (Butler, 2021). Tal discurso tem potencialmente como efeito gerar o próprio ódio comunicado em outrem, realimentando-o socialmente.

Se a performatividade de tal discurso revela que este já constitui em si mesmo uma violência (simbólico-verbal), há também uma "força ativa do discurso de ódio em produzir *situações concretas* de violência" (Rial, 2024, p. 25, grifo nosso). Ao analisar o acirramento da intolerância religiosa no Brasil em discursos de líderes religiosos, Dalmolin (2020, p. 222) aponta que "a violência simbólica presente nos discursos de ódio biopolítico nas redes sociais acaba por desencadear violência física".

Se o discurso não apenas nomeia, mas também produz e intensifica dinâmicas de violência simbólico-verbal e até física, tal processo se reconfigura e se amplifica nos ambientes digitais contemporâneos.

Violência em ambientes digitais

Nas redes digitais, a violência simbólico-verbal adquire uma nova escala, em fenômenos como o *cancelamento* e em sujeitos como os *haters* ("odiadores" digitais). Sobre o primeiro, Alberto (2025) aponta que, nas guerras culturais em tempos de redes digitais, evidencia-se um recrudescimento discursivo, que substitui a moderação clássica pela construção simbólica de conflitos morais que geram a estigmatização do outro. Nesse sentido, o cancelamento pode ser lido como uma prática discursiva que se assenta na dicotomia "Nós *versus* Eles", em que "a intolerância a narrativas divergentes reflete a incapacidade de negociar diferenças no espaço público ao nível de uma radicalização [na qual] o 'outro' é visto como ameaça existencial" (Alberto, 2025, p. 4). Por isso, continua o autor, o cancelamento é "a materialização de um *pathos* justiceiro e punitivista contemporâneo ao alcance das mãos – ou das teclas", assim como "a manifestação de uma 'raiva altruísta': um sentimento, supostamente virtuoso, relativo a punir os erros do outro" (Alberto, 2025, p. 5). Desse modo, ao criticar outrem, o cancelador também visa a se autopromover.

Somado à prática do cancelamento, emerge também o fenômeno dos *haters,* ou seja, sujeitos que disseminam em rede "discursos repletos de estereótipos e preconceitos, atuando diretamente na consolidação, exposição e intensificação de estigmas sociais" (Amaral e Coimbra, 2015, p. 307). Por meio de sua disseminação, continuam as autoras, "os *haters* podem contribuir para que essa violência se torne concreta/física ao legitimar preconceitos e condutas morais". O diferencial da ação de um *hater* em relação à agressão comum não é a intensidade do ódio, mas seu *alcance* e a *velocidade* com que ele se dissemina. Ele transforma o ódio privado em ódio público com um clicar de botões, colonizando espaços de sociabilidade com sua lógica destrutiva. De acordo com Rial (2024, p. 44),

> [...] somam-se ao anonimato, à invisibilidade e ao efeito bolha da lógica algorítmica a impulsividade e a espontaneidade com que se compartilham conteúdos odiosos. Se em mídias tradicionais há um filtro institucional que é aplicado previamente à publicação de um conteúdo, nas mídias sociais digitais, a filtragem é posterior. Além disso, [...] o ímpeto de

> postar algo comanda o uso dessas mídias, e as redes sociais se tornam mais suscetíveis ao elemento passional e impulsivo.

Quando a violência é coletivizada digitalmente, ela também é potencializada pelas características algorítmicas das plataformas, com seu poder de espalhamento. Essa massa de ódio descentralizada torna-se difícil de ser contida.

> Quando circulado sob as lógicas plataformiais, o discurso de ódio se amplifica, se visibiliza [...] e se articula diretamente com algumas das características formativas e controversas desses espaços, como a ausência ou desequilíbrio de moderação e o desejo algorítmico em disseminar temas que provoquem fortes reações ou debates ou que se destacam, viralizam e geram engajamento expressivo para as plataformas [...] Temos assim um sistema plataformial, estabelecido através de modelo de negócios, governança, datificação e algoritmos, práticas e *affordances*, que populariza e fortalece narrativas discriminatórias e segregacionistas (Alberto, 2025, p. 10).

Assim emerge o chamado "efeito-enxame" no ambiente digital (cf. Han, 2018), um tipo de agregação social marcada não pela coesão, mas pela dispersão conectada, em uma dinâmica coletiva em que múltiplas indignações individuais, fragmentadas e efêmeras, articulam-se em rede, produzindo ondas de reação intensa, sem centro nem continuidade e, frequentemente, sem responsabilidade claramente atribuível. O resultado é uma forma de violência simbólico-verbal difusa, que não se concentra em um agente específico, mas emerge da própria dinâmica relacional da rede.

Han (2018) afirma que o enxame digital se distingue radicalmente da massa clássica: enquanto esta possuía certa unidade, direção e até identidade, o enxame é constituído por indivíduos isolados, conectados apenas momentaneamente por afetos comuns como a indignação, a raiva e o ódio, reforçados por mecanismos algorítmicos que privilegiam engajamento. "Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*" (p. 27), o que leva a uma "desintegração generalizada do comum e do comunitário" (p. 33).

É nesse regime de interação que se tornam mais perceptíveis as formas contemporâneas de negação da fraternidade cristã. No caso do catolicismo brasileiro, esse processo assume uma configuração eclesiologicamente inquietante: a violência simbólico-verbal não é apenas exercida *contra* a Igreja por agentes externos, mas é praticada *dentro* dela, por sujeitos que se apresentam como seus mais ardorosos defensores.

O paradoxo teológico-comunicacional: a violência intracatólica

Em sua encíclica *Fratelli tutti*, citada ao longo do texto como FT, o Papa Francisco refletiu sobre "uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física" (FT, n. 1). Ao analisar algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento dessa fraternidade universal, o pontífice destaca a "ilusão da comunicação", reconhecendo que "a agressividade social encontra um espaço de ampliação incomparável nos dispositivos móveis e nos computadores" (FT, n. 44).

Segundo Francisco, "na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente. Dilui-se o respeito pelo outro" (FT, n. 42). Para ele, "as relações digitais [...] têm aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um 'nós'; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis" (FT 43). E é nesse contexto que ele faz uma afirmação crucial:

> Deve-se reconhecer que os fanatismos, que induzem a destruir os outros, são protagonizados também por pessoas religiosas, sem excluir os cristãos, que podem "fazer parte de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital. Mesmo nas mídias católicas, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia". Agindo assim, qual contribuição se dá para a fraternidade que o Pai comum nos propõe? (FT 46).

A frase entre aspas, do próprio Papa Francisco, é uma citação de outro documento anterior, a exortação apostólica *Gaudete et exsultate,* neste texto indicada por GE. Ao abordar algumas características da santidade no mundo atual, o pontífice ressaltava a suportação, a paciência e a mansidão, afirmando que "é preciso lutar e estar atentos às nossas inclinações agressivas e egocêntricas, para não deixar que ganhem raízes" (GE, n. 114). E complementava:

> Gera-se, assim, um dualismo perigoso, porque, nestas redes, dizem-se coisas que não seriam toleráveis na vida pública e procura-se compensar as próprias insatisfações descarregando furiosamente os desejos de vingança. É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: "não levantar falsos testemunhos" e destrói-se sem piedade a imagem alheia (GE, n. 115).

É surpreendente – senão até inédito – que um sumo pontífice da Igreja Católica assuma de modo tão explícito e crítico, por escrito, em dois documentos que entraram para a história da Igreja como parte do magistério pontifício, a existência de práticas de violência verbal no interior do próprio catolicismo. Francisco reconhece que tais dinâmicas não são externas à Igreja, mas a embebem profundamente nas práticas comunicacionais dos próprios fiéis no ambiente digital. Ao fazê-lo, o papa explicita uma contradição teológico-comunicacional: a fé que proclama a fraternidade universal pode, na prática discursiva das redes, converter-se em linguagem de destruição simbólica do "outro".

De acordo com o papa, com a difusão de tais atitudes, as redes sociais digitais frequentemente se tornam "um lugar de inimizade [...], onde há ódio em toda parte […], o reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros" (GE, n. 71). Nesse contexto, passou a ser cada vez mais comum que os próprios católicos se tornem "alvo da violência e do veneno verbais vindos de outros católicos" (Faggioli, 2025, p. 180).

Essa *intolerância intracatólica* se manifesta na comunicação de opiniões agressivas, repressivas ou violentas em prol da exclusão de tudo o

que seja "catolicamente diferente" e de todos os "catolicamente outros" (Sbardelotto, 2021). Os sujeitos de tais práticas formam aquilo que Faggioli (2025, p. 185) chama de "*cibermilícias católicas* [...], propagandistas verbalmente violentos nas mídias sociais católicas", que implodem a comunhão eclesial. Desse modo, "a pessoa que está do outro lado da tela já não é um 'irmão ou irmã na fé', mas apenas alguém sobre o qual se descarrega todo o próprio ódio pessoal, camuflado de defesa da tradição, da doutrina e da liturgia, com citações artificiosamente pinçadas da Bíblia e do Catecismo" (Sbardelotto, 2021, p. 26).

Trata-se de um "enxame" de sujeitos e grupos que se articulam em redes digitais e se apresentam como guardiões de uma pretensa ortodoxia católica ameaçada, caracterizando um verdadeiro movimento que Sbardelotto (2023) chama de *neorreacionarismo católico*. Sua genealogia remonta ao antimodernismo histórico do catolicismo, mas sua performance é requintadamente contemporânea, operando segundo as lógicas próprias das mídias digitais, da cultura dos influenciadores e da polarização algorítmica.

O neorreacionarismo católico não é apenas *pró*-tradição e *pró*-cristandade, mas é principalmente *"anti"*: antimoderno, anti-Vaticano II e, particularmente durante o pontificado de Francisco, até antipapa. Assume um ideal pautado pelo combate e pela guerra, que, na prática, consiste "mais em reagir do que em propor. Há sempre um inimigo a ser destacado, desautorizado e eliminado" (Passos, 2020, p. 14), como o "papa comunista", os "bispos vermelhos", os "católicos hereges". Como ressalta o autor,

> esses grupos e tendências *ganharam força política, pastoral, moral e litúrgica dentro da Igreja e crescente visibilidade nas redes sociais*. Mais do que nas décadas que sucederam ao Concílio Vaticano II, apresentam-se hoje com identidades mais nítidas e com *desenvolturas mais agressivas*, reivindicando não somente um lugar legítimo dentro do catolicismo, mas também uma posição de portadores da verdade autêntica da tradição cristã e, com frequência, de *intolerância às diferenças religiosas e políticas* (Passos, 2020, p. 26, grifo nosso).

A sociedade pluralista contemporânea, marcada pelo processo de midiatização, "possui modos de divulgação e recepção de ideias de todos os

tipos [e] oferece às expressões tradicionalistas maior viabilidade que no passado" (Passos, 2020, p. 10). Desse modo, os grupos católicos neorreacionários passam a dispor de uma relevante força simbólica e, em certa medida, também de um significativo poder político-eclesial, evidenciados sobretudo por suas elevadas métricas digitais. A partir de tais estratégias, conquistam níveis de visibilidade pública e de incidência sobre o próprio catolicismo exponencialmente mais expressivos do que aqueles observados nos movimentos antimodernistas do passado.

Faggioli (2025) aponta que, em um contexto de globalização, a Igreja se torna *mais plural*, mas também, paradoxalmente, *menos pluralista*. Segundo o autor, embora haja muitas formas diferentes de ser católico hoje, os católicos – particularmente aqueles que compõem "a nova inquisição chamada de blogueiros católicos e influenciadores tradicionalistas radicais" (p. 189) – se tornaram menos capazes de aceitar essa diversidade de formas, estilos e práticas religiosas.

Como afirma Camurça (2025, p. 2), em conjunturas de retrocesso social na história do Brasil, os setores moderados da hierarquia eclesiástica assumem uma atitude de resistência em nome do conjunto da instituição. Contudo, "os grupos ultraconservadores tende[m] a se descolar deste padrão eclesial emergencial investindo de forma estridente contra personalidades, organismos e instâncias institucionais [da própria Igreja] de forma desproporcionalmente agressiva" (Carmurça, 2025, p. 2). De modo geral, os neorreacionários católicos recorrem a um "léxico de guerra" (em expressões como "luta", "batalha", "cruzada") e fazem alusão constante a um "inimigo" a ser combatido por meio da produção de conteúdos de denúncia e de ataque, sempre apelando ao medo e à rejeição (Gomes, 2024, p. 309).

Ligada à categoria da "guerra" (ideológico-cultural) está a do "combate espiritual". Enquanto a "guerra cultural" traz consigo o pânico moral, a "guerra santa digital" tem como efeito o terrorismo espiritual que alimenta uma nova caçada a supostos impuros, hereges e pagãos. "Tanto a abordagem da guerra cultural quanto a da guerra santa levam a um estado de medo, hostilidade, demonização de tudo e de todos, polarização e conflito. O

dualismo é marca registrada deste tipo de discurso" (Amaro da Silva, 2024, p. 375). Não há possibilidade de conciliação, já que o catolicismo desejado por *eles* (os "hereges") é o oposto do desejado por *nós* (os "católicos de verdade"). Desse modo, toda diferença é considerada um desvio em relação à ortodoxia, todos os diferentes são desviantes, e essa suposta heterodoxia/heresia já constitui por si só uma ameaça e pede uma imediata reação violenta.

Para os neorreacionários católicos, em uma Igreja plural – cujo modelo, inclusive valorizado pelo Papa Francisco, é o poliedro, ou seja, a confluência harmoniosa das diferenças – é imperioso definir qual é o "verdadeiro" catolicismo. De certa forma, a agressividade de tais sujeitos traduz os ressentimentos de uma parcela da comunidade católica tanto em relação a um mundo em mudança quanto a uma Igreja em reforma. Esses sentimentos são muitas vezes canalizados em figuras carismáticas e midiáticas, que recolhem e sintetizam socialmente esses afetos negativos, oferecendo saídas simples a complexas problemáticas pessoais, sociais e eclesiais, a partir da criação de inimigos fantasiosos a serem combatidos com a força da oração.

A violência simbólico-verbal dos neorreacionários católicos leva a uma excomunhão (do latim *excomunicatio*) – igualmente simbólica, pois desprovida de poder jurídico canônico – de supostos "hereges", ou seja, de todos aqueles que se desviam da teoideologia neorreacionária. Tal excomunhão ocorre por meio de uma *excomunicação*, ou seja, "a comunicação de que uma comunicação alheia [de fiéis comuns, de membros do clero ou até do papa] deve cessar, ou de que não deveria nem existir" (Sbardelotto, 2020, p. 152), de modo que o discurso próprio se torne único e dominante. Entretanto, "ao agirem comunicacionalmente como não cristãos, de forma antievangélica, são essas pessoas que se autoexcluem da comunhão eclesial. *Excomunicando, excomungam-se*" (Sbardelotto, 2021, p. 29).

Considerações finais: a paz é fruto do diálogo

Na contemporaneidade midiatizada, a histórica relação entre religião e violência se reconfigura sobretudo no plano simbólico-verbal, intensificada

pela lógica das mídias digitais. Nestas, emerge uma cultura do cancelamento, marcada pela ação de *haters* e por discursos de ódio, inclusive no interior do catolicismo, contradizendo o ideal da fraternidade cristã. Nesse contexto, o neorreacionarismo católico promove gestos de excomunicação simbólica de toda e qualquer diferença intracatólica e de todos os "diferentes", considerados hereges, fragilizando, assim, a própria comunhão eclesial.

Ao longo deste artigo, buscamos evidenciar que a violência simbólico-verbal intracatólica nos ambientes digitais, ao atingir o próprio "irmão" e "irmã" na fé, revela não apenas um problema comunicacional, mas também um paradoxo propriamente teológico. Por ser praticada no interior de uma comunidade que se pretende fundada no mandamento do amor e na fraternidade, revela-se como uma contradição teológico-comunicacional, pois nega, na prática discursiva, aquilo que afirma no plano da fé.

Nesse contexto de contradição entre a fé professada e a prática comunicacional, não basta denunciar a violência, mas é preciso também apontar caminhos para a construção ativa de uma cultura de paz no ambiente digital. Como já afirmou o Papa Francisco, "a paz social é laboriosa, artesanal" (FT 217). Seria mais fácil restringir as liberdades e nivelar as diferenças por meio de estratégias calculadas de vigilância e gestão dos conflitos, de concessões e compensações interesseiras, que apenas dissimulam as tensões. "Mas – continua o papa – esta paz seria superficial e frágil, não o fruto de uma cultura do encontro que a sustente. *Integrar as realidades diferentes* é muito mais difícil e lento, embora seja a garantia de uma paz real e sólida" (grifo nosso).

Nesse sentido, a fim de evitar que a excomunicação se converta em incomunicação, é preciso "harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo" (Francisco, 2014). O diálogo é justamente o caminho do meio entre a *indiferença egoísta* e o *protesto violento* (cf. FT, n. 199). Mas dialogar não é o mesmo que uma mera "troca febril de opiniões nas redes sociais", geralmente marcada por um "tom alto e agressivo" (FT, n. 200). Pelo contrário, o diálogo tem em vista o bem comum e o reconhecimento das diversas riquezas

culturais, e não os nossos interesses ideológicos ou instrumentais (cf. FT, n. 274).

Dialogar, portanto, pressupõe o esforço de escutar e de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz. Para isso, é preciso "cultivar a busca da verdade", acima de tudo a "verdade da dignidade humana" (FT, n. 207). Afinal, do outro lado da tela, há "um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus" (GE, n. 98).

O desafio da construção de uma comunhão fraterna universal é ainda maior para a comunidade católica, chamada por definição a praticar uma comunicação *universal* (*katholikós*), aberta e disposta a fazer a experiência do "encontro com o "mistério sagrado do outro" (FT, n. 277) e a aprender com todos e todas: "Ninguém é inútil, ninguém é supérfluo" (FT, n. 215). Para isso, não são necessários "recursos profissionais e midiáticos", mas sim um esforço artesanal de construção e fortalecimento de vínculos sociais por parte de "artesãos de paz", cujo fruto é a "paz social" (FT 216-225).

Hoje, o Papa Leão XIV (2026) reforça o apelo a uma *paz desarmada*, isto é, não fundada no medo e na ameaça, e *desarmante*, capaz de resolver os conflitos e gerar confiança, empatia e esperança. Segundo ele, a paz não pode ser reduzida a um mero slogan, mas deve ser incorporada em um "estilo pessoal e institucional que *repudie toda e qualquer forma de violência*" – inclusive simbólico-verbal, principalmente entre irmãos e irmãs de fé.

Referências

ALBERTO, Thiago Pereira. Cancelamento em tempo, espaço e forma: articulações entre guerras culturais, plataformas e discurso de ódio. *Revista FAMECOS*, v. 32, n. 1, p. e47400, 2025. Disponível em: http://doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.47400. Acesso em: 25 abr. 2026.

AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele Paschoal. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #eunãomereçoserestuprada. *Contemporânea*, v. 13, n. 2, p. 294-310, 2015. DOI:

10.9771/contemporanea.v13i2.14010. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/14010. Acesso em: 12 abr. 2026.

AMARO DA SILVA, Aline. Arautos e párocos digitais: desafios da influência presbiteral na internet. *In:* MEDEIROS, F. F.; SILVA, A. A. da; SOUZA, A. R. de; SBARDELOTTO, M.; GOMES, V. B. *Influenciadores digitais católicos:* efeitos e perspectivas. Aparecida: Ideias & Letras; São Paulo: Paulus Editora, 2024, p. 313-380.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião:* cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio:* uma política do performativo. São Paulo: Unesp, 2021.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. "Tutti fratelli, ma non troppo": embates e acomodações em torno de política e gênero na Igreja Católica no Brasil. *Religião & Sociedade*, v. 45, n. 3, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-04382025e450303. Acesso em: 29 abr. 2026.

CHARAUDEAU, Patrick. Reflexões para a análise da violência verbal. *Desenredo*, v. 15, n. 3, p. 443-476, set.-dez. 2019. Disponível em: https://ojs.upf.br/index.php/rd/article/view/9916. Acesso em: 11 abr. 2026.

CUNHA, Magali do Nascimento. Intolerância e violência religiosas nas mídias noticiosas: a propósito do Relatório Brasil (2011-2015). *Reflexão*, v. 45, p. 1-12, 2020. Disponível em: http://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a4843. Acesso em: 25 abr. 2026.

CUNHA, Magali do Nascimento. Caminhos de pesquisa em comunicação e religiões no Brasil: novas trilhas, trajetos estimulantes. *Crosspoint*, v. 1, p. e02063, 2025. Disponível em: http://doi.org/10.19141/Crosspoint.v1.2025.2063. Acesso em: 27 abr. 2026.

DALMOLIN, Aline. A circulação dos discursos de ódio biopolítico e intolerância religiosa nas redes sociais. *In:* CUNHA, Magali do Nascimento; STORTO, Letícia Jovelina. *Comunicação, linguagens e religiões:* tendências e perspectivas na pesquisa. Londrina: Syntagma Editores, 2020, p. 222-238.

DE ANDRADE, André Gustavo Corrêa. Liberdade de expressão e discurso de ódio. *Revista da EMERJ*, v. 23, n. 1, p. 9-34, 2023. Disponível em: https://ojs.emerj.com.br/index.php/revistadaemerj/article/view/493. Acesso em: 11 abr. 2026.

DICASTÉRIO para a Comunicação. Rumo à presença plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. *A Santa Sé*, 28 mai. 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 28 abr. 2026.

FAGGIOLI, Massimo. As cibermilícias católicas e a formação de uma Igreja paralela no ambiente digital: considerações eclesiológicas. *In:* SBARDELOTTO, M.; TRASFERETTI, J. A.; ZACHARIAS, R. (orgs.). *Cultura digital e Igreja:* desafios ético-pastorais. São Paulo: Paulus, 2025, p. 179-198.

FRANCISCO, Papa. Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. *A Santa Sé*, 24 jan. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 28 abr. 2026.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Gaudete et exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual. *A Santa Sé*, Cidade do Vaticano, 19 mar. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html. Acesso em: 28 abr. 2026.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. *A Santa Sé*, Cidade do Vaticano, 03 out. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 28 abr. 2026.

GOMES, Vinícius Borges. Influência católica conservadora: aspectos políticos e religiosos. *In:* MEDEIROS, F. F.; SILVA, A. A. da; SOUZA, A. R. de; SBARDELOTTO, M.; GOMES, V. B. *Influenciadores digitais católicos:* efeitos e perspectivas. Aparecida: Ideias & Letras; São Paulo: Paulus Editora, 2024, p. 259-312.

HAN, Byung-Chul. *No enxame:* perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEÃO XIV, Papa. Discurso no encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático na visita apostólica ao Camarões. *A Santa Sé*, 15 abr. 2026. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2026/april/documents/20260415-camerun-autorita.html. Acesso em: 11 abr. 2026.

NEVES, Rogério Xavier. O fundamentalismo religioso: o uso da informação e a contrainformação numa sociedade que vive em redes de comunicação. *Lumen*, n. 2, p. 69-74, nov. 2016. Disponível em: https://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/34/55. Acesso em: 27 abr. 2026.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente:* o tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

RIAL, Gregory. *Odiai-vos uns aos outros:* cenas do discurso de ódio religioso no Instagram. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/94c2066a-9bc5-42e0-ae6f-6b4bc70b1614. Acesso em: 27 abr. 2026.

RICOEUR, Paul. A Religião e a Violência. *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 56, n. 1/2, 2000, pp. 25-35. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/44898341. Acesso em: 28 abr. 2026.

RODRIGUES, Jeyson Messias. Intolerância religiosa, alteridade e violência simbólica. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, n. 16-17, p. 111-121, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.60543/rlcr.v0i16-17.3816. Acesso em: 27 abr. 2026.

RODRIGUES, Elisa. Religião e violência: uma leitura fenomenológica. *Estudos Teológicos*, v. 59, n. 1, p. 61-79, 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/334. Acesso em: 27 abr. 2026.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez rede:* religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SBARDELOTTO, Moisés. Excomunicação: novos modos de intolerância intrarreligiosa em tempos de midiatização digital. In: CUNHA, M. N.; STORTO, L. J. (orgs.). *Comunicação, linguagens e religiões:* tendências e perspectivas na pesquisa. Londrina: Syntagma, 2020. p. 151-180. Disponível em: https://syntagmaeditores.com.br/livraria/comunicacao--linguagens-e-religioes. Acesso em: 27 abr. 2026.

SBARDELOTTO, Moisés. “Vejam como não se amam!”: intolerância intracatólica e antievangelização em rede. *Vida Pastoral*, v. 62, p. 24-31, 2021. Disponível em: https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2021/06/VP340.pdf. Acesso em: 23 abr. 2026.

SBARDELOTTO, Moisés. Facetas midiático-digitais do neorreacionarismo católico no Brasil. *Reflexão*, v. 48, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.24220/2447-6803v48a2023e8864. Acesso em: 29 abr. 2026.

SPONHOLZ, Liriam. O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico. *Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 22, n. 3, p. 220-243, 2020. DOI: 10.22409/conflu.v22i3.47124. Disponível em: https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/47124. Acesso em: 23 abr. 2026.

TELES DOS SANTOS SILVA, Verônnica; NEVES SILVA, Rosemary Francisca. “Qual a cor da fé?”: perspectivas sobre o racismo religioso e o silenciamento de práticas religiosas de matriz africana. *Diálogos e Perspectivas Interventivas*, v. 4, p. e19460, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.52579/diapi.vol4.i.a19460. Acesso em: 25 abr. 2026.

Trabalho submetido em 29/04/2026.
Aceito em 18/09/2026.

Moisés Sbardelotto

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática. Editor-gerente da revista Interações, editada pelo Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas. Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com estágio doutoral na Università di Roma "La Sapienza", na Itália. Realizou pós-doutorado em Ciências da Religião na PUC Minas e em Ciências da Comunicação na Unisinos. Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9660-8894. E-mail: m.sbar@yahoo.com.br